

O CARTEIRO

Alaor Chaves

Agnaldo não poderia ter escolhido profissão mais afinada ao segredo dos seus genes, que cedo começou a se revelar. Nada lhe interessava mais do que conhecer as ligações amorosas entre as pessoas. Por sorte, vivia numa cidade que não crescera o bastante para condenar os filhos não destacados ao anonimato, e boa parte dos moradores conhecia por nome boa parte dos outros. Era dessas cidades mineiras onde as placas do comércio exibem nomes íntimos, como *Padaria do Zé*, e cada bairro tem a sua padaria do Zé, ou padaria de outro fulano, onde o novato só consegue comprar o seu pão após se apresentar e bater dois dedos de prosa. Somente em compras maiores e diversificadas, o freguês escolhe nas prateleiras o que lhe interessa e paga tudo a um caixa indiferente.

Já na adolescência, reconheceu ser um bisbilhoteiro e, como gostava também de caminhadas, ao terminar o colégio decidiu ser carteiro. Fez concurso e passou de primeira, com ótimas notas. O salário não era ruim, os admitidos por concurso, como ele, ocupariam posições estáveis, com direito a aposentadoria integral. Em resumo, um bom emprego. No primeiro dia de trabalho Agnaldo apresentou-se de cabelo cortado e roupa nova. Antes de começar a sair para as entregas, teve de fazer um minicurso, no qual foi instruído dos detalhes das suas incumbências e estudou o mapa da região onde seu trabalho seria realizado. Tomaram-lhe as medidas para que seus uniformes, os sapatos e o chapéu fossem providenciados.

Chegava ao trabalho bem cedo, pois achava importante examinar a correspondência e as encomendas que entregaria naquele dia. Não gostava de envelopes ou caixas sem o nome do remetente, que lhe pareciam sonegar um elemento de muito interesse para ele. Mas, por outro lado, ponderou que ao não colocar seu endereço no envelope o remetente pressupunha que o destinatário soubesse para onde enviar uma eventual resposta, o que lhe parecia bem significativo. Inteligente e reflexivo, Agnaldo sabia que para ser bem sucedido em seus propósitos teria de trabalhar com métodos e técnica. Gostava de estudar e de ler. Estudou manuais para detetives, fez cursos por correspondência sobre o assunto. Nesses estudos, aprendeu como distinguir letra de mulher da de homem. Aprendeu também que envelopes preenchidos com letras bem caprichadas eram sugestivos de uma relação mais afetiva.

Em poucos anos tinha descoberto várias relações amorosas secretas na sua cidade; considerava-se bom em descobrir essas coisas. Ao carregar sua sacola de correspondência, Agnaldo tinha consciência de estar carregando segredos amorosos, agendamentos de encontros, comprovações de adultérios e tantas outras coisas que movimentam o coração humano. Na maioria dos casos, tanto o homem quanto a mulher eram residentes da cidade. Sua atenção era mais focalizada na mulher, não só porque sentia especial interesse em conhecer os segredos amorosos femininos, mas também porque a mulher revela na sua caligrafia muito mais cores emocionais do que a grafotécnica reconhecida suspeita. Essa foi uma descoberta que Agnaldo fizera ao estudar a ciência da grafologia, que no seu entender havia se apoucado ao limitar seu escopo a questões forenses, como a autenticidade de assinaturas e a autoria de textos escritos.

Nos seus estudos grafotécnicos, Agnaldo havia examinado inúmeros textos manuscritos, principalmente textos de diários, e tinha como certo que a escrita manual pode revelar o tom emocional com que as palavras são escritas. Não só a fala, mas também a escrita revela as nossas emoções no momento, pelo menos no entender de Agnaldo. É fato que a grafotécnica dita científica não incluía esse fato, mas na visão de Agnaldo essa era uma deficiência que não tardaria a ser sanada: suas descobertas, que ele ainda mantinha em segredo, logo seriam publicadas, reproduzidas e confirmadas pela ciência oficial, e ele seria reconhecido como um pioneiro e grande perito em grafotécnica emocional, pois até um nome ele já tinha dado à sua ciência. E na escrita feminina essa digital emocional é muito mais rica e inequívoca. Agnaldo considerava-se capaz de dizer se uma declaração escrita de amor, ou de ódio, era sincera ou falsa pelo exame grafotécnico da declaração. Tinha consciência de que em sua sacola de carteiro carregava documentos da maior importância psicológica, e de que se pudesse lê-los poderia ver bem mais que o que estava escrito. O conteúdo desses documentos lhe era vedado, mas ele podia ver o que estava escrito nos envelopes, e isso já lhe dizia muito. Ao preencher o envelope de correspondência, a pessoa revela seus sentimentos de momento sobre o destinatário da carta, e esses podem variar da indiferença ao afeto, ao amor ou ao ódio. Agnaldo continuava estudando diários e aprofundando seu saber em grafotécnica emocional.

Após encerrar o trabalho, gostava de observar a casa de algumas mulheres que recebiam muitas cartas. Fazia isso para conhecer sua aparência, sua idade e seus hábitos. Em geral eram bonitas e jovens. Algumas eram casadas, e seus maridos recebiam pouca correspondência não comercial.

Os anos foram passando, e após alguns namoricos Agnaldo acabou se enamorando. Acho que usei um verbo fraco para a circunstância: Agnaldo se apaixonou verdadeiramente por Izabel, uma moça linda, meiga e recatada, poucos anos mais nova do que ele. A paixão foi mútua e havia também afinidades. Bastaram dois meses de namoro para que ambos concluíssem ter

encontrado seu parceiro de vida. Naquele tempo, a aprovação familiar era um elemento importante para que uma união matrimonial se tornasse mais sólida, e esse apoio não faltou. Os pais e as irmãs de Agnaldo encantaram-se com Izabel, e os pais dela aprovaram alegremente a escolha da filha, a filha única que sonhavam em ver bem casada. Não tardou que se casassem, ele então com vinte e oito anos, ela com vinte e cinco. Isabel tinha feito curso superior de história e dava aulas em um colégio.

Agnaldo encerrava seu trabalho às 16 horas, mas permanecia até pelos menos as 18 observando casas de mulheres com namoros clandestinos. Sabia muito sobre os amores secretos da cidade. Contava alguns desses segredos a Izabel, que após certa surpresa pela curiosidade do marido passou a ouvir as histórias com interesse. Não dava importância às teorias do marido sobre os segredos da caligrafia, na verdade achava que eram crenças infundadas. O que, todavia, não minimizava seu interesse nas histórias de namoros denunciados pelas cartas que seu marido entregava. Agnaldo sentia-se cúmplice de infidelidades e traições amorosas. No mínimo era um facilitador, como se diz no mundo do crime e da espionagem. Ao pensar no assunto, se perguntava se os maridos traídos mereciam ou não os pares de chifres. E mesmo que não merecessem Agnaldo não tinha culpa, a única coisa que estava fazendo era cumprir com dedicação seu papel de carteiro, o de entregador de cartas, o de facilitador por dever do ofício.

Com sua dedicação ao trabalho, Agnaldo acabou angariando a simpatia do gerente da agência de correios. Primeiro a aprovação, pois ele era inquestionavelmente o melhor carteiro da cidade. Depois da aprovação, a manifesta simpatia. O gerente, um homem com idade próxima aos cinquenta anos, mas que parecia ter menos, e que não se casara novamente após se divorciar. Agnaldo até frequentava o escritório do seu chefe, e sentia orgulho do tratamento que recebia: uma xícara de café feito na hora, uma ou outra pergunta sobre sua vida particular, às vezes alguma confidência menos íntima. Haroldo lhe mostrou a foto de sua filha, que estava prestes a se formar na faculdade. Belíssima moça, a sua filha, disse Agnaldo, para satisfação do chefe. Agnaldo também mostrou a foto de Izabel e ficou feliz com o olhar de aprovação de Haroldo. Olha só com que bela mulher você se casou, comentou o chefe, e devolveu a foto para o extasiado funcionário.

Andarilho fanático, Agnaldo não tinha carro, e Izabel às vezes o levava ao trabalho, ou ia pegá-lo quando ele não planejava plantar-se furtivamente próximo à casa de clientes namoradeiras. Ocasionalmente, Izabel ia almoçar com Agnaldo em uma lanchonete próxima ao correio, onde muitos funcionários almoçavam e preenchiam o tempo de descanso após o almoço. Agnaldo era querido pelos colegas de trabalho e foi fácil também para Izabel criar relações de amizade naquele grupo, pois ela era tão comunicativa quanto o marido. Na família e no trabalho, Agnaldo usufruía as relações de camaradagem que ele tanto apreciava. Adorava os pais, as irmãs, os sogros e principalmente Izabel. Sua paixão pela mulher só aumentava, e sentia que

ela também o amava muito. Davam-se muito bem, e programaram ter o primeiro filho após a quitação do empréstimo para a compra da casa, o que não tardaria a acontecer.

Naquela manhã, uma chuva intensa e cheia de relâmpagos tornou impossível a entrega de correspondência. Desde a madrugada, ventos fortes carregaram o céu de nuvens e de trovões longínquos, e já por volta das oito a chuva começou a cair sem piedade. No correio, não se permitiu que os carteiros saíssem para as entregas. Como a tempestade não cessava, Agnaldo decidiu preencher o tempo com algo útil e ofereceu-se como voluntário ao seu chefe imediato.

– Oportuna a sua oferta, Agnaldo – disse o chefe apontando com a cabeça uma pequena pilha de envelopes sobre a mesa. – Distribui essa correspondência nos escaninhos.

Muitos funcionários usavam o endereço profissional para parte da sua correspondência, e havia vários envelopes endereçados a eles; o chefe estava pedindo que Agnaldo os colocasse nos respectivos escaninhos.

Ao conferir um pequeno envelope endereçado a Haroldo, seu estimado gerente, Agnaldo sentiu o coração disparar no peito. A letra era de Izabel. No verso, não constava o remetente, mas com certeza era Izabel. Conferiu melhor a caligrafia e sentiu uma vertigem que o obrigou a apoiar-se nos escaninhos. Os outros envelopes caíram-lhe da mão, e como Agnaldo não se movesse para pegá-los, uma estagiária os recolheu. Ao tentar entregá-los, notou assustada que ele estava pálido como uma vela e que suor marejava em seu rosto.

– Tá sentindo mal, senhor Agnaldo?

– Coisinha atoa, está passando. Me dá os envelopes, vou distribuí-los.

A mocinha o observou por uns instantes, indecisa sobre o que fazer. Como Agnaldo começasse a depositar a correspondência nos escaninhos, embora o suor só aumentasse, ela foi ao bebedouro e lhe trouxe um copo de água.

– Bebe água, vai ajudar a passar.

– Obrigado, meu anjo, água fria é bom para suor. Não se preocupe, logo passa, pode ir cuidar do seu trabalho.

Agnaldo afastou-se fingindo tranquilidade e quando encontrou um banheiro entrou nele para lavar o rosto. A água fria no rosto contribuiu para que o suor cessasse, mas ele ainda não se sentia bem. Haroldo Dias Campolina, essas palavras, escritas com a letra de Izabel, não lhe saíam da cabeça. O mais grave eram os detalhes secretos da caligrafia, que ele julgava conhecer tão bem. Ao escrever aquele nome, o coração de sua mulher ardia de amor por Haroldo. A escrita, em si, era uma declaração inconsciente! Agnaldo entrou no sanitário e sentou no vaso para se recompor protegido da visão dos colegas. Seu corpo era todo tumulto, da cabeça ao coração. O suor voltou, e ele enxugou o rosto com papel higiênico, mas a camisa estava

molhada de suor. Permaneceu muito tempo sentado, parte dele pensando em como agir.

Embora a chuva já não fosse uma tempestade, ainda era forte, por isso Izabel veio buscá-lo. Ele tentou parecer natural, mas todo o seu aspecto o denunciava. Explicou a Izabel que tivera um mal estar, com um enjoo e uma onda de suor. Voltou para casa calado e não jantou. “Em um caso desses, é melhor não comer nada”, justificou. Ficou claro para Izabel que o humor de Agnaldo estava muito alterado e que algo grave ocorrera.

– Aconteceu mais alguma coisa, meu bem. Coisa do trabalho, algo na sua família? Fala comigo, talvez eu possa ajudar.

Agnaldo permaneceu calado e Izabel insistiu:

– Diz o aconteceu, homem; nunca te vi desse jeito.

– Estou meio preocupado com o ciúme de uns colegas. Você sabe, essas coisas acontecem. Mas nada sério, só preciso aprender a lidar com o problema.

Agnaldo não era o mesmo. Sentia o mundo desabar aos seus pés e no peito uma opressão que não cessava. Perdeu todo o interesse em examinar a correspondência que entregava. Ao final do trabalho, não ia para casa nem se dedicava ao seu trabalho de bisbilhoteiro, apenas perambulava pela cidade, sem destino. Depois de muitos dias, lembrou-se do rio. Um rio limpo e bonito que banhava a cidade e dera-lhe também o nome. Ao final da tarde Agnaldo ia à margem do rio e conseguia um pouco de tranquilidade observando a água descer em torvelinhos. Com a enxurrada das chuvas, a água havia subido e ficado suja. Não era a água transparente que sempre encantara Agnaldo, nem baixa o bastante para mostrar a laje de pedras claras que cobria o leito do rio, mas era bom ver a força da correnteza, vez ou outra arrastando algum tronco de árvore. Só ao anoitecer ele ia para casa e enfrentava o desafio de conviver com a mulher que o traía.

Por seu lado, Izabel não entendia a razão do comportamento do marido, muito menos do seu humor e semblante. O ciúme dos colegas não lhe parecia coisa grave o bastante para transtornar tanto o marido, e além do mais é o tipo de coisa que se percebe gradualmente, não subitamente em um dia de chuva torrencial. Acontecera algo muito grave, muito mais grave que os alegados problemas no ambiente de trabalho. Doía-lhe ver no marido o rosto abatido, tão distinto daquele que lhe havia arrebatado o coração. E não só Izabel, mas também seus pais, suas irmãs, seus sogros e cunhados perceberam a grande transformação no comportamento daquele homem que sempre fora conhecido pelo seu jeito aberto e cordial. Indagaram Agnaldo e só receberam explicações sumárias e evasivas. Indagaram Izabel e ela confessou suas tentativas frustradas de entender o que estava ocorrendo. Em conversas com os pais, Izabel expôs em lágrimas o seu espanto e o seu sofrimento. “Meu marido ficou alheio a tudo à sua volta. Algo terrível o atormenta sem dar trégua, e isso parte também o meu coração. Sinto

desespero e medo.” Os pais também choraram, filha e mãe choraram abraçadas.

Agnaldo não mais se comportava como um marido. Era distante e frio com Izabel, e mesmo as tentativas da mulher de lhe oferecer carinho foram frustradas. Ela sentia que estava perdendo o marido, sem saber por que ou para quem. Duas vezes, cobrou uma explicação convincente, mesmo que dramática. “Deixou de me amar, Agnaldo? Encontrou outra que te roubou o coração?” As respostas de Agnaldo eram evasivas, e Izabel as recebia como um ato de rejeição, pelo qual ela merecia uma explicação.

De sua parte, Agnaldo não via necessidade de explicação. *Ela sabe por que estou assim, certamente sabe que descobri tudo*, pensava com tristeza e até mesmo com indignação. Em sua mente, desfilavam repetidamente variados desfechos, principalmente o mais positivo: *Talvez ela confesse tudo e me peça perdão. Quem sabe, propõe que eu peça transferência para uma cidade distante onde recomeçaríamos tudo. Nesse caso o que eu faria? Como seria bom se tudo pudesse voltar ao que era. Não encontrarei outra mulher como Izabel um dia foi.*

Mas a secreta esperança de Agnaldo não se concretizava. Izabel não parecia reconhecer que ela era a culpada, parecia até mesmo ignorar, ou desconsiderar que Agnaldo descobrira tudo. Agnaldo remoía a sua dor e a sua revolta. *No inferno de Dante, os traidores ficam no nono círculo, o mais profundo, onde também vive Lúcifer. Isso diz o que Dante pensava dos traidores, os que nunca se arrependem. Izabel não se arrependerá, persistirá em sua traição, em sua perfídia.*

Esse sofrimento durou meses, e nesse tempo Agnaldo afastou-se também de Haroldo, o outro grande traidor. *Desde quando me traem?* Continuou tratando cordialmente seus outros colegas de trabalho, mas todos percebiam que ele não era o mesmo, e entre si indagavam o que lhe teria acontecido. Comentava-se que ele havia emagrecido e perdido a conhecida alegria de viver. Consternava-se. Uma noite Agnaldo não retornou para casa. No dia seguinte, quase ao anoitecer, um pescador descobriu seu corpo em um remanso do rio, engastalhado em umas galhas de árvore.